

VASP - 1933 - 1983. Os primeiros 50 anos passaram voando

Fazendeiro diz que não matou os índios Tikuna

Manaus (AE) — O fazendeiro Oscar Castelo Branco, principal acusado de ser o mandante do massacre contra os índios Tikuna, quando morreram quatro indígenas e dez outros estão desaparecidos, negou em depoimento à Polícia Federal que tenha participado ou comandado a chacina, já que não se encontrava na localidade de São Leopoldo, local do conflito. Oscar Castelo Branco, que está com sua prisão preventiva decretada pela Justiça, está internado numa clínica particular em Benjamin Constant, acometido de problemas renais e não com derrame cerebral, como foi indicado por seu advogado, e tão logo seu médico, Melvino de Jesus o libere, ele será recolhido à cadeia pública de Tabatinga, para aguardar julgamento, juntamente com outros dez implicados e presos pela Polícia Federal.

Em seu depoimento, que durou uma hora na última sexta-feira, tomado na própria clínica médica, Oscar Castelo Branco disse que no dia 28 de março, quando ocorreu o conflito entre Tikunas e posseiros, no igarapé Capacete, no Alto Solimões, se encontrava em Benjamin Constant, e que o ataque praticado pelos posseiros foi uma forma destes evitarem novos saques que os Tikunas vinham praticando já há algum tempo contra suas propriedades. O delegado Ary Marinho, que preside o inquérito, disse ter provas de que Oscar Castelo Branco fora visto na área do conflito no dia anterior, conversando com os posseiros. "É evidente que ele não dirá se estava na área no dia do massacre, mas temos provas de que, se ele não comandou, pelo menos sabia de que os posseiros estavam preparados para enfrentar os índios" — afirmou o delegado Ary Marinho, confirmando que, pelos depoimentos dos Tikunas, 14 índios foram mortos durante o massacre. "Quatro corpos foram localizados, mas os outros dez certamente foram sepultados pelas águas do Soli-

mões" — disse Ary Marinho.

Presos

Permanecem presos na penitenciária agrícola de Boa Vista (RR) os 11 Makuxis da maloca Caraparu II, acusados de construir um curral em terras reivindicadas pelo fazendeiro Jair Alves dos Reis. A informação foi prestada, ontem, pelos Makuxis Terêncio Luís Silva e Valdir Tobias, respectivamente coordenador e membro do Conselho Indígena do Território de Roraima (Cinter). Eles vieram a Brasília para solicitar ao presidente da Funai, constituintes, Conselho de Defesa dos Direitos da Pessoa Humana e Procuradoria Geral do DF e Território que intervenham no caso para que seus parentes sejam soltos e que sejam tomadas providências quanto à invasão de suas terras.

Conforme conta o coordenador do conselho indígena 7 dos 11 Makuxis presos foram detidos a 15 de abril último enquanto construíam em terras da comunidade de Caraparu II um barracão e um retiro de gado. As 16 hs, daquele dia, diz Terêncio, apareceram no local 11 agentes da Polícia Civil, um funcionário da Funai conhecido como Petrônio e seis peões do fazendeiro Jair. Os Makuxis foram obrigados a desmontar o curral e, em seguida, os policiais colocaram fogo no barracão.

No dia 23, os policiais, desta vez também militares, juntamente com funcionários da Funai e um oficial de Justiça, retornaram ao local e, encontrando os Makuxis reconstruindo o retiro de gado, levaram 66 (sessenta e seis) deles presos. Sessenta e dois foram soltos no dia seguinte, e quatro levados para a penitenciária agrícola de Boa Vista, onde permanecem até hoje.

O oficial de Justiça se dirigia à área para intimar os índios a deixarem aquelas terras, uma vez que o juiz de Roraima deferira o pedido de manutenção liminar do fazendeiro Jair Alves na posse da terra que reivindica.